

APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ TEMÁTICO: “ARTE: PODER E POLÍTICA NA AMAZÔNIA”

Socorro de Souza Batalha ¹

Agenor Cavalcanti de Vasconcelos Neto ²

A ideia da temática deste dossiê foi elaborada em meio ao período difícil da pandemia ocasionada pelo novo coronavírus. Os problemas causados pela Covid-19 em todo o mundo são devastadores. No Brasil, desde o primeiro caso oficialmente registrado, na segunda semana de março de 2020, depois de onze meses entre fases mais drásticas e não tão menos nefastas, já chegamos a mais 200 mil óbitos causados pela pandemia. Não há uma política responsável do governo federal para conter o avanço do vírus e nem para seguir as orientações de prevenção da Organização Mundial da Saúde – OMS e do Ministério da Saúde. A cada mês aumenta a gravidade desse problema trágico e a providência da vacina contra o coronavírus para população segue incerta. Os dados dessa situação têm aflorado o exacerbado processo das desigualdades nos grupos sociais em diversas capitais do país.

Dentro desse contexto, as atividades artísticas, trabalhos criativos e produção de espetáculos foram os mais afetados pelos impactos da pandemia. Na Amazônia, muitos festivais foram cancelados e eventos culturais presenciais paralisados em todo o Brasil, devido aos protocolos de distanciamento social e contenção da covid-19, pois muitos artistas inseridos em diversas categorias pararam de cantar, dançar, performar, tocar e o ritmo de apresentações foi totalmente afetado. O Amazonas, foi um dos estados mais agredidos pela pandemia, tornando-se o epicentro do norte do país, pelo elevado número de infectados e de óbitos.

A situação ficou tão complicada e grave que muitos artistas passaram e estão passando por necessidades de sobrevivência, principalmente aqueles que trabalham nos barracões das escolas de samba, galpões das associações folclóricas de boi-bumbá e agremiações que congregam as diversas categorias de artistas especialistas, escultores, costureiras, marceneiros, pintores, soldadores, assim como também, músicos de bares, tecladistas, oficineiros, capoeiristas e integrantes de grupos folclóricos, que em sua maioria, ficaram de fora dos recursos ofertados pela Lei Aldir Blanc, que é um mecanismo de apoio do governo federal, pelo fato de não dominarem as exigências e burocracias dos editais de seleção de projetos de execução emergencial.

Perdemos pessoas memoráveis para a Covid-19 na pandemia, a exemplo do artista plástico, pesquisador e liderança indígena do Alto Rio Negro, Feliciano Lana, assim como cantores de boi-bumbá, sambistas, coreógrafos, dançarinos, músicos, compositores, literários, dentre outros. Vivemos tempos sombrios e de injustiças sociais em todos os aspectos desumanos que se agravaram ainda mais nestes tempos de pandemia, com pessoas cada vez mais vulneráveis à morte, ao desemprego, às sequelas da doença, à precariedade, à fome e à violência.

¹ Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal do Amazonas (PPGAS/UFAM). E-mail: socorrobatalha19@gmail.com

² Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Amazonas (PPGAS/UFAM). E-mail: agenorcauxi@gmail.com

Partindo dessas premissas, neste dossiê temático, intitulado “Arte: poder e política na Amazônia”, nos disponibilizamos a receber trabalhos etnográficos e teóricos que pensem a arte a partir de sua dimensão política e reflitam os vários aspectos da arte, em especial no amplo contexto sócio-político-ambiental Amazônico, principalmente no que se refere ao campo da artisticidade, xamanismo, música, dança, imagens, simbolismo, relação de poder, mudança social, cultura popular e construção de identidade. Vale a pena ressaltar que expandimos os nossos horizontes e reunimos trabalhos de diferentes lugares, contextos e regiões do Brasil. Incentivamos também buscar estudos sobre a situação de artistas e agentes culturais frente à pandemia mundial da COVID-19.

De modo geral, a seleção para os artigos do dossiê que aqui apresentamos, apesar de sugerir ações de pesquisa na Amazônia, foi muito abrangente e recebeu etnografias que dialogam nas diversas linhas da Antropologia da Arte, Antropologia do poder e Antropologia política, que de alguma forma, interagem e passeiam por diversos tipos de linguagens e diferentes estratégias de resistências. Neste sentido, torna-se fundamental lançar luz sobre contextos das artes e suas complexidades levando em consideração as diversas experiências culturais refletidas pelos os autores.

Sem a pretensão de aprofundar uma análise teórica sobre a temática do dossiê, mas como algumas questões se aproximam, é importante evidenciar debates sobre as complexidades dos cenários e a afirmação das diversidades em ambientes regionais e nacionais (Hannerz, 1997). Para Oliveira (2003), uma sociedade é composta por múltiplas dimensões culturais, mas, nem sempre vive um processo de harmonia e integração, pois em sua maioria, vivem em um sistema de exclusão e conflito por conta das esferas das indiferenças. Compartilhando desse pensamento, Barth (2000) argumenta que a “cultura e sociedade estão marcadas pelos questionáveis pressupostos do holismo e da integração: celebram a conexão entre instituições discrepantes, a adequação dos costumes a um dado lugar e estilo de vida e o compartilhamento de premissas, valores e experiências” (p. 106).

Não obstante, a arte é pensada como um processo de resistência e luta por espaço, visibilidade, liberdade e reconhecimento. Diante de situações supracitadas, os diferentes autores e agentes valeram-se em demonstrar novas reconfigurações sociais (Elias, 2001), desenvolvimentos de eventos, ocupações, mobilizações, sonorizações virtuais, apontando que esses lugares, por si mesmos, são “dispositivos culturais” (Agier, 2011). Nessa perspectiva, as festas podem ser pensadas como práticas reivindicatórias, ou seja, como potências de ações sócio-políticas culturais e criações de ensinamentos pedagógicos utilizados pelos domínios simbólicos e a legitimações dos grupos envolvidos.

Desse modo, a arte e a cultura, estão interrelacionadas e se apresentam como pontos centrais da discussão de poder e política. Foucault (2017) define o poder como uma rede de relações em que todas as pessoas estão emaranhadas, como causadores e assimiladores em movimento. Para o autor, as correlações de poder são interativas; relacionam-se sempre com inúmeros pontos de resistências que são ao mesmo tempo alvo e apoio. Em relação a isso, os indivíduos estão engendrados nessas redes que absorvem, iniciam e espalham poder.

Entretanto, poder e política são entendidos como atos de forças e de acontecimentos coletivos, produzidos pelos agentes sociais comprometidos e pelas ações práticas que exemplificam os alcances das causas reivindicadas, principalmente no que se referem às questões do Estado. Segundo Bourdieu (2004), o Estado exerce uma relação soberana relacionado aos agentes e instituições, permeado, principalmente por uma lógica racionalista que não contabiliza a complexidade das expressões culturais. Essas ampliações das institucionalizações que engendram as diferentes políticas são acompanhadas por mecanismos de investimentos e controles, que ao invés, de se aproximarem dos grupos e instituições tendo em vista as suas particularidades, impõem instrumentos burocráticos que reduzem os significados das expressões.

Diante da sugestão temática, a Amazônia é pensada não por um viés geográfico e nem pelo prisma único das imagens estereotipadas e ideias preconcebidas, tal como sintetizada na crítica de Oliveira

(2016), mas como aquela que carrega múltiplos significados que extrapolam fronteiras em decorrências das mobilizações das festas, atos musicais, coreográficos, performáticos, produções artesanais e artísticas. Em se tratando especificamente da abordagem antropológica, há um vasto volume etnográfico e reflexivo que tem se dedicado a temas como: culturas populares, políticas públicas, etnomusicologia, música, xamanismo, dança (Cavalcanti, 2000, 2002; Carvalho, 2004; Bastos, 2010, Montardo, 2009; Camargo, 2018).

Assim, talvez seja possível fazer aproximações com as linhas temáticas em que esses artigos podem ser apresentados, levando em consideração a proximidade da abordagem e do caminho teórico demonstrado. Dessa forma, abrimos o dossiê com o artigo denominado “A COVID-19 e seu impacto no campo musical em Manaus: relações de poder, resistências e re-existências”, de Klissy Kely Guimarães, em que nos propõe uma reflexão sobre as fragilidades do trabalho musical/artístico e as implicações causadas pelos efeitos do isolamento social na cidade de Manaus. Guimarães, através de uma análise dialógica de conteúdos jornalísticos e de autores da antropologia e sociologia, tece uma leitura cuidadosa a respeito das políticas públicas impostas pelas instâncias de poder e dos seus impactos sociais e econômicos no campo em discussão.

O segundo artigo intitulado “Trabalhadores músicos migrantes na formação da música amazonense contemporânea”, de Amós do Carmo Moreira, Bernardo Mesquita, Sara Aimée Ihuaraqui Nogueira, Mirian Chaves de Oliveira, Leonardo Corrêa e Silva, Taynara Coelho, apresenta a trajetória dos trabalhadores músicos migrantes dentro do processo de modernização capitalista da música no Amazonas durante os anos 70 e 80. Os autores discutem também a importância das festas populares realizadas nos interiores amazônicos e ressaltam de forma sucinta, a biografia de quatro músicos amazonenses: Chico Cajú, Roberto Bope, Oseas Santos e Teixeira de Manaus.

O terceiro artigo abrilhanta essa edição com estudos realizados na região do Nordeste, o “Choro Maranhense” de Peter Ninaus. O texto engendra que o termo choro é uma expressão complexa de um gênero, um estilo e um elenco. O autor evidencia o choro maranhense por meio da sua consistente tese de doutorado e através dos interlocutores do trabalho amplia o horizonte da chorografia clássica brasileira. O quarto texto “O pífono nordestino como instrumento de musicalização no ensino fundamental”, de Leonardo Araujo da Silva, apresenta argumentos e métodos profissionais, baseados em vivência e projetos de musicalização de crianças. Baseia-se em autores referência sobre os estudos culturais. Imagens, partituras e esquemas complementam a análise

O quinto artigo intitulado “Reflexões do pós-nacionalismo musical: uma abordagem histórica e composicional sobre os flautistas Altamiro Carrilho, Egildo Vieira e Hermeto Pascoal”, de Leonardo Araujo da Silva e Rucker Bezerra de Queiroz, sintetiza uma análise de flautistas clássicos do cenário brasileiro, utilizando uma vasta bibliografia clássica, a exemplo de Mário de Andrade. Apresenta também, uma síntese histórica do instrumento no Brasil e discute identidade musical propondo para os flautistas uma reflexão da prática interpretativa da música popular brasileira.

Contamos ainda com dois artigos que refletem as festas como atos de resistência. “Festas, magnificação e chefia entre os Karajá do rio Araguaia”, de Helena Moreira Schiel, defende a problemática de que a força que mantém de forma perene as grandes aldeias Karajá é a produção das festas para filhos belos de famílias de prestígio. Compreender esta concepção de política associada ao belo implica necessariamente em entender as relações de parentesco dentro das famílias de chefes. O segundo texto nessa linha, “Festa e guerra na Esplanada: sons da política num Acampamento Terra Livre” de Mario de Azevedo Brunoro e Rafael Monteiro Tannus, acentua uma reflexão sobre o evento político indígena do Brasil, o Acampamento Terra Livre (ATL), por uma perspectiva da política ameríndia. Explora também, a relação dessa política com a música e os cantos dos diversos povos amazônicos.

O oitavo artigo denominado “Miçangas e política tarëno: algumas aproximações”, de Cecília de Santarém Azevedo de Oliveira, retrata uma discussão sobre as miçangas das mulheres Tarëno, habitantes

da Terra Indígena Parque do Tumucumaque, no norte do Pará, dando ênfase, sobretudo, nas relações importantes para a política ameríndia e o destaque para contextualizar as festas. Destaca ainda, as características do grafismo tarêno e as relações de parcerias promovidas pelas miçangas. Em “A autora como xamã ou o que deve a arte de Andujar aos Yanomami?”, de João Pedro Garcez, ressalta-se uma discussão robusta e consistente da série fotográfica *Sonhos*, de Claudia Andujar. A arte de Andujar se apresenta como um rompimento do distanciamento e, por outro lado, a proximidade do conhecimento da cultura Yanomami.

O décimo artigo denominado “Na saia rodada de pomba-gira tem dendê: ensaio antropológico sobre pontos de desafio entre marias-padilhas, bruxas e ciganas”, de Glacy Ane Araújo de Souza dos Santos, apresenta uma etnografia das cantigas de disputa conhecidas como pontos de desafio entre as entidades de incorporação denominadas Pombas-Giras, Ciganas e Bruxas no contexto dos terreiros na cidade de Manaus. O artigo de Vítor Gonçalves Pimenta, em que reflete sobre “A alegria como regência do chão afro-brasileiro da Acadêmicos do Salgueiro”, busca conhecer a existência corporal, tensão, ansiedade e interação coletiva presente do desfile da escola de samba Acadêmicos do Salgueiro.

Para finalizar contamos com o décimo segundo artigo do dossiê, intitulado “A arte cerâmica pré-colombiana (re)viva nas poéticas de Máyy Koffler e Kukuli Velarde: suas (re)construções narrativas contemporâneas da ancestralidade andina”, de Simone Cristina Garcia. O texto propõe uma análise acerca do trabalho de duas ceramistas: a Kukuli Velarde e Máyy Koffler e por meio de narrativas significativas discorre sobre as (re) construções e (re) visitas da cerâmica e do imaginário pré-colombianos.

Ficamos honrados em receber textos etnográficos e com discussões teóricas robustas em momentos tão difíceis da pandemia. Agradecemos às autoras e autores que se disponibilizaram e também aos que atenderam os nossos pedidos em colaborar com o nosso dossiê. Somos gratos a Eriki Aleixo, Diego Omar da Silveira e demais integrantes da comissão editorial da Wamon pela oportunidade, em especial a Marcos Alan, responsável pela organização do dossiê, por ser tranquilo, compreensivo e acolhedor. O dossiê temático: “arte: poder e política na Amazônia” é luta e resistência, boa leitura a todos e todas.

Referências

CAGIER, Michel. *Antropologia da cidade: lugares, situações e movimentos*. Tradução Graça Índias Cordeiro. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.

BARTH, Frederik. Apresentação, os grupos étnicos e suas fronteiras; A análise da cultura nas sociedades complexas. In: *O Guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2000, p.107-119.

BOURDIEU, Pierre. *Coisas Ditas*. Tradução Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim; revisão técnica Paula Montero. São Paulo: Brasiliense, 2004.

CAMARGO, G. G. A. *Antropologia da Dança IV*. 1. ed. Florianópolis: Insular, 2018.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiro de Castro. *Boi Bumbá de Parintins, Amazonas: breve história e uma etnografia da festa*. História, Ciência e Saúde. Manguinhos v. VI, 2000.

_____. Os sentidos no espetáculo. In: *Revista de Antropologia-USP*, São Paulo, v. 45, n. 1, p. 37-78, 2002.

CARVALHO, Luciana Gonçalves. Inventariando Saberes, Criando Patrimônio. Textos Escolhidos da Cultura e Artes Populares, v 1, n 1, 2004.

ELIAS, N; Neiburg, F. Dossiê Norbert Elias. Leopoldo Waizbort (org.). - 2. ed. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. 6ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo, 2017.

MONTARDO, Deise Lucy Oliveira. Através do mbaraka: música, dança. e xamanismo guarani. São Paulo: Edusp, 2009.

HANNERZ, Ulf. fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional. Revista Mana, 1997.

MENEZES BASTOS, R. J. de. Etnomusicologia das sociedades indígenas das terras baixas da América do Sul. Com Ciência (UNICAMP), v. 116, p. 1-3, 2010.

OLIVEIRA, João Pacheco de. A efeito “túnel do tempo” e a suposta inautenticidade dos índios atuais. Sociedade e Cultura, v. 6. n. 2. 2003.

_____. O Nascimento do Brasil e Outros Ensaio: Pacificação, regime tutelar e formação de alteridades. 1. ed. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2016.

